

RELAÇÕES ENTRE O ANTROPÔNIMO E A CLASSE SOCIAL NO BRASIL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Juliana Soledade Barbosa Coelho¹
Diêgo Maciel de Sousa²

RESUMO

A intenção deste estudo foi analisar o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) dos falantes quanto aos nomes ditos de ricos e de pobres. Levamos em conta o que aponta Simões Neto (2021) a partir da leitura de Lakoff (1987), fundamentos da pesquisa sócio-onomástica, da sócio-história da antroponímia no Brasil e das alterações gráfico-fônicas apresentadas por Soledade (2021). Nomes avaliados como sendo de ricos são nomes simples, já os nomes avaliados como sendo de pobres são complicados. No entanto, não obedecem a estes critérios de forma rígida.

Palavras-chave: Sócio-onomástica, Linguística Cognitiva, Prenomes, Classe Social.

1. Introdução

Um nome de pessoa (prenome) é como um invólucro e dentre as suas principais funções está a de oferecer singularidade a quem o possui. Essa singularidade depende da escolha feita por sujeitos nomeadores, os quais, por sua vez, estão inseridos em um tempo, em um espaço, em uma dada cultura etc. Assim, no momento em que os pais de uma criança decidem dar um nome a ela, essa decisão não é despreendida de valores e aspectos sócio-histórico-culturais. Destacaremos, pois, neste trabalho, que, dentro do contexto social brasileiro, tem sido possível identificar a existência de Modelos Cognitivos Idealizados que categorizam certos tipos de nomes como pertencentes a uma dada classe social. É comum ouvirmos que o nome A ou B seja nome de rico ou que o nome X ou Y seja nome de pobre. Isso indica que os falantes criam modelos de

¹ Doutora em Letras e Linguística - UFBA/UnB. E-mail: julisoledade@gmail.com.

² Mestrando em Teoria e Análise Linguística - PPGL/UnB. E-mail: diegosousa.unb@gmail.com.

categorização em que os nomes podem ser identificados segundo a classe social em que se registra com maior frequência.

Por isso, antes de começarmos a tratar dos demais aspectos que envolvem a avaliação de um prenome como pertencente a determinada classe social, precisaremos fazer um breve esclarecimento quanto às classes sociais no Brasil. Figueiredo Santos (SANTOS, 2005, p. 34-42) aponta em seu estudo uma vasta classificação para a estrutura das classes sociais brasileiras, elencando diferenciações que perpassam a renda, o poder aquisitivo e o nível de estudo das classes sociais por ele diferenciadas. Além disso, Figueiredo Santos (SANTOS, 2005, p. 27-33) aponta ainda que os diversos modelos apresentados ao longo dos estudos das classes podem, em determinados casos, não indicar diretamente a distribuição real das classes sociais brasileiras. Diante disso, o que queremos demonstrar não é, evidentemente, um estudo de classe, mas sim, apontar que, na grande massa da população brasileira, que é comprovadamente preta, parda, de baixa escolarização e de menor poder aquisitivo, há algumas especificidades na escolha de prenomes para seus filhos. Por outro lado, é entre a população branca, com maior escolarização e de maior poder aquisitivo que se pode encontrar também um critério diferente de nomeação. Todavia, por tratamos de nomeação, não se pode conceber a nomeação como um sistema fechado, mas condicionado às relações que são estabelecidas a partir do contato cognitivo e conseqüentemente, linguístico.

Neste estudo exploratório procuramos evidenciar se há realmente essa diferença e, se ela existe, quais aspectos linguísticos podem estar envolvidos na avaliação social dos prenomes. Para tanto, nos utilizaremos da Teoria dos Protótipos, de Lakoff (1987), e da leitura do modelo feita por Simões Neto (2021), em seu artigo *Nomes de Velhos, Nomes de Jovens: Protótipos e Modelos Cognitivos Idealizados na Antroponímia Brasileira*. Além disso, nos basearemos também na sócio-onomástica, área de estudos onomásticos que se preocupa com as questões ligadas à sociedade e aos nomes próprios, considerando os estudos de Frai (2016).

Nosso estudo se volta para os fatores sociolinguísticos e etnosocioculturais (estamos procurando, por exemplo, identificar se há a presunção do uso do nome próprio de pessoa de forma específica em determinada classe social). Esses fatores são elencados nos componentes 10 e 11 da Tabela 1 – Conhecimento Onomástico do Falante – CO, apresentados por Seide (SEIDE, 2021, pág. 85), e reproduzidos abaixo.

Tabela1. Conhecimento onomástico do falante - CO

1. Significado denominativo procedural na linguagem cotidiana (como os nomes próprios são usados)
2. Relação entre nome e referentes conhecidos ou mencionadas no cotidiano (que nomes as pessoas e os lugares têm, por exemplo)
3. Repertório (conjunto e tipos de nomes próprios conhecidos; pode incluir nomes em outros idiomas)
4. Pronúnciados nomes conhecidos e regras supostas para pronúncia de nomes desconhecidos (como os nomes são pronunciados)
5. Grafia segundo as regras ortográficas dos idiomas (pode incluir conhecimento sobre a grafia de nomes de outros idiomas).
6. Informação gramatical (como gênero e número dos nomes próprios)
7. Constituição (número de nomes que pode haver em um prenome ou em um topônimo, por exemplo)
8. Significado associativo (forma-se de acordo com as vivências do falante, com os referentes dos nomes)
9. Significado emotivo (presente, porexemplo, nos hipocorísticos nos quais há uma conotação afetiva nos nomes)
10. Fatores sociolinguísticos (presunção sobre a classe social e o gênero dos nomes de pessoas, por exemplo)
11. Imaginários etnosocioculturais (como presunção sobre qualidades atribuídas aos nomes como a de que nomes de pessoa em língua inglesa têm mais prestígio do que nomes na língua portuguesa)
12. Processo de nomeação: quem nomeia e quando (pode incluir os aspectos legais da nomeação oficial)
13. Motivação da nomeação (conhecimento sobre a história da escolha do nome, do porquê um determinado nome foi escolhido)
14. Usos e valores de prenomes no mundo ficcional (literatura, cinema, mini-séries, telenovelas, games, etc.)
15. Significado etimológico e/ou histórico.

Fonte: Seide, 2021, pag.85

Os dados analisados neste trabalho são oriundos de pesquisas feitas no Twitter, no YouTube e no Google, usando como chaves as expressões *nome(s) de rico(s)* e *nome(s) de pobre(s)*. Não nos utilizamos, inicialmente, de nenhum site ou página específico. Queríamos apenas identificar as possibilidades de viabilização da hipótese da relação associativa para nomes de rico e de pobre. No entanto, como foram encontrados vários nomes e variadas alegações sobre eles, em busca de um limite de *corpus* para a produção deste artigo, criamos um Formulário do Google. A compilação e análise dos elementos encontrados permitem discutir a forma como as relações sociais atuam na influência da construção de modelos cognitivos idealizados de nomes ditos de ricos e nomes de pobres.

O artigo está organizado nas seguintes seções: *Introdução*, que trata brevemente de toda a composição do texto e evidencia o objetivo maior do estudo exploratório apresentado. O tópico *Bases teóricas para análise* indica sob quais concepções teóricas serão analisados os dados. Na seção *Questões de método*, trazemos esclarecimentos quanto à maneira que recolhemos os dados, depois, no tópico *Nomes de ricos e nomes de pobres no Brasil* trazemos a análise dos dados e por fim, nas *Considerações finais*, registramos de forma consolidada as informações levantadas ao longo da análise.

2. Bases teóricas para a análise

2.1 A antroponímia pelo olhar da Linguística Cognitiva

Um antropônimo carrega em si mesmo muitas características, dentre elas, a de atribuir certa singularidade ao ser nomeado. Quando emitimos o nome de alguém, ativamos em nossa mente uma rede de sentidos que nos remeterá ao referente, ou seja, a determinado indivíduo e às experiências com ele vivenciadas.

Quando verbalizamos, por exemplo, o nome *Elias*, essa rede de sentidos é ativada e, assim, todas as informações que temos armazenadas em nossa memória a respeito desse nome/indivíduo podem ser acionadas por nosso cérebro. Possivelmente, para uma pessoa do discurso que não conheça o referente, o nome *Elias*, por sua vez, será capaz de acionar informações de nível básico, categorial; assim, se saberá que o nome pertence a um indivíduo do sexo masculino, que poderá ser um esposo, um marido, um amigo ou um colega etc.; além dessas informações, podem também estar relacionadas a esse nome outras tantas características que os indivíduos possam associar e armazenar. Por exemplo, *Elias* pode ser categorizado como nome de velho ou de jovem, de rico ou de pobre. Tais associações estão incluídas dentro de um *frame*, culturalmente organizado.

Segundo Ferrari “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2020, p.50). Somado a essas concepções, é preciso levar em conta também que as mesmas estão atreladas às questões de pessoalidade (a pessoa a quem um prenome faz referência), ou seja, o *Elias* (sujeito A) não ativa os mesmos *frames* que o *Elias* (sujeito B).

A partir de modelos prototípicos³, a Linguística Cognitiva (LC) demonstra que nosso cérebro pode fazer armazenamentos de itens lexicais levando em conta características de maior ou menor prototipicidade. Esses armazenamentos podem ser entendidos e representados por meio de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Em nossa discussão, pretendemos analisar o MCI de nomes ditos de pessoas ricas ou pobres, considerando os MCI abordado por Lakoff (1987) sob leitura de Simões Neto

³ A teoria dos protótipos está na base do arcabouço teórico da LC. Nessa teoria entende-se que as categorias se definem não por condições necessárias e suficientes, mas sim, por relações associativas que permitem que alguns elementos da categoria sejam mais prototípicos que outros. Assim, por exemplo, para a categoria fruta, *maçã*, *banana* ou *pêssego* seriam mais prototípicas que *tomate*.

(2021) acerca dos nomes de jovens e nomes de velhos; os fundamentos da pesquisa sócio-onomástica, atrelada à sócio-história da antroponímia no Brasil; e as questões gráfico-fônicas apontadas por Soledade (2021).

2.2 Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)

É importante, antes de tudo, que façamos definição do que vem a ser um *Modelo Cognitivo Idealizado*. Para tal, trazemos as palavras de Simões Neto:

No entendimento de Lakoff (1987), os MCI podem ser compreendidos como um conjunto de diferentes *frames* que estruturam o conhecimento humano. O autor explica o conceito a partir de um exemplo com as noções de *terça-feira*, *semana* e *fim de semana*. O conceito *terça-feira*, a ideia de que a *semana* tem sete dias e a delimitação do *fim de semana* como uma pausa de dois dias após cinco dias de trabalho, segundo Lakoff (1987), só podem se realizar em um modelo idealizado de calendário que se pauta pelo movimento do sol (SIMÕES NETO, 2021, p. 56, grifos do autor).

Assim, entendemos que um MCI é um conjunto de uma rede de sentidos que ativamos em relação a um determinado evento cognitivo. No caso dos nomes próprios, nos deteremos ao MCI que está associado à definição que se atrela à avaliação de prenomes como sendo de ricos de pobres. Precisamos dizer, ainda, que um MCI sofre influências diversas, uma vez que é construído a partir de concepções humanas e sociais, ou seja, um MCI existe a partir das experiências e das expectativas que se constroem para um determinado conceito. Esses conceitos podem ser complexos e, por vezes, requererem recortes específicos que perpassam questões de gradação (como numa categoria flutuante) ou em definições que podem ser consideradas em termos de *tudo ou nada* (é um conceito fechado, definido). Por isso, em determinados casos, é necessário haver definição de prototipicidade de determinado item dentro de uma dada categoria, identificando-o como mais ou menos prototípico.

Ao levar essa discussão para o âmbito da antroponímia poderemos, como afirma Simões Neto (2021, p. 60). “pode-se pensar, por exemplo, como os esquemas, sejam cognitivos, sejam construcionais, são baseados em protótipos e MCI”. Isso porque, “um esquema construcional pode ser entendido como uma possibilidade de tratar de maneira mais satisfatória a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico” (GONÇALVES, 2016, p.23). Assim, quando optamos, por exemplo, em dizer que

determinado nome é associado a uma categoria, seja ela masculina ou feminina, de jovem ou de velho, de rico ou de pobre, estamos levando em conta as questões de prototipicidade.

2.3 Sócio-onomástica e Sócio-história

A sócio-onomástica é a subárea da Onomástica que “se propõe estudar o porquê da atribuição dos nomes próprios de pessoas e qual a relação existente entre a comunidade que a utiliza” (FRAI, 2016, p. 92). Nas palavras de Langendonck, esta área de estudos está atrelada de maneira direta à sociolinguística, já que se destina a entender as relações entre os nomes e o seu contexto social (LANGEDONCK, 2007, p. 306-307)⁴. Neste estudo, procuramos evidenciar as questões relacionadas à associação de alguns antropônimos a determinada classe social. As considerações que faremos têm muito a ver com as questões e as relações sociais que os nomes próprios podem estabelecer. Nas concepções de Dick (1992):

Os aspectos semânticos que os nomes de pessoa podem ressaltar estão ligados aos motivos que, em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropônimos, os quais, dessa forma, se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais de seu povo (DICK, 1992, p. 181-2, *apud* FRAI, 2016, p. 98).

Por isso, é importante considerarmos que um nome próprio de pessoa sofrerá as influências de sua época e, conseqüentemente, de seu uso, presentificando as características sociais.

Ainda sob a perspectiva da sócio-onomástica, podemos dizer que os estudos podem ser realizados, assim como na sociolinguística, de modo quantitativo ou qualitativo. Neste estudo, a abordagem que se faz a respeito dos nomes próprios é qualitativa. Finalmente, e não menos importante, considera-se, a sócio-história da antroponímia no Brasil. Os estudos sócio-históricos são a base para demonstrar que a

⁴ Debus (1995) does not appear to have any problems to include socio-onomastics within sociolinguistics (see also Allerton 1987). Proper names are socially anchored linguistic signs and as such part and parcel of the linguistic inventory of a society. He agrees with the pioneer of sociolinguistics, William Labov, that it should be obvious that language can function only in a social context. In fact, linguistics is sociolinguistics, and vice-versa. Likewise, names equal 'siconyms' (Debus 1995:393; see also Langacker 1987: 63). (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 306-307).

construção da antroponímia no Brasil está voltada para questões relacionadas aos fatores culturais e sociais. Assim, precisamos destacar que a antroponímia brasileira aponta ter forte relação com a formação étnica, social, econômica e política da nação. Tal fato nos leva a pensar, por exemplo, como a relação entre esses aspectos afetou o sistema de nomeação no Brasil. Essas questões, por sua complexidade e por seu aprofundamento, não podem ser aqui totalmente respondidas, no entanto, é preciso levar em conta, mais uma vez, que este estudo exploratório busca apresentar questões etnosocioculturais. Nesse sentido, podemos entender que a sócio-história vem a ser o conjunto de fatos sociais e históricos que indicam a composição da história de uma sociedade. Num recorte ainda mais específico, diríamos que a sócio-história da antroponímia brasileira é o conjunto de aspectos sociais e históricos voltados para o estudo onomástico pessoal.

As marcas históricas que percorrem a forma de nomeação em nosso país são de fundamental importância para compreendermos os critérios sociais que levam, de alguma forma, o falante a entender os nomes como sendo de uma ou de outra classe social.

Segundo Soledade, Lopes e Rodrigues, a antroponímia brasileira sofreu uma revolução a partir do segundo quartel do século XX (SOLEDADE, LOPES E RODRIGUES, 2019, p. 1425). Essa transformação é uma culminância de outros fatores históricos relacionados à nomeação dos indivíduos brasileiros que irão afetar a forma com que nós nomeamos nossos descendentes. O olhar que se estabelece nesse estudo está na relação entre classe social e raça. Assim, é dentro desse contexto histórico que os nomes de pessoas serão enquadrados em *frames* como nomes ditos de ricos e de pobres.

2.4 Alterações gráfico-fônicas

Outro aspecto que devemos considerar enquanto fundamento teórico de nossa análise é a questão das alterações gráfico-fônicas. Elas acontecem na antroponímia brasileira por diversos fatores, sejam eles relacionados à baixa escolarização ou à inovação. Soledade (2021) a partir da análise dos dados de Cunha e Souza (2017) ressalta o seguinte:

Podemos encontrar registros de prenomes tradicionais que sofreram alterações em sua configuração gráfico-fônica acabando por gerar um prenome inovador, por exemplo: *Gardino*: provável variante de *Galdino*; *Lugugero*: provável variante de *Ludgero* [...]. Nesses casos, a alteração não parece ser intencional, no sentido de gerar um prenome pouco usual, mas ser decorrente do baixo letramento dos registradores e dos usuários [...].

Porém, ao longo dos anos, é possível encontrar muitos prenomes tradicionais que sofrem alterações intencionais na sua forma, nesses casos, a intenção parece ser sair do usual para atingir unicidade (SOLEDADE, no prelo).

Esses fatores são importantes para entendermos que, muitas vezes, o falante procura inovar no ato de nomear, mas não é tão somente por baixa escolarização, mas no propósito de tornar o nome por ele escolhido único. Mesmo assim, não podemos deixar também de considerar que a baixa escolarização pode influenciar significativamente na grafia dos nomes, sobretudo se o falante decide utilizar-se de nomes de outro idioma conferindo a esse o mesmo som das vogais e consoantes do português do Brasil. Um exemplo dessa tentativa é o que acontece com muitos nomes que são “abrasileirados”. O prenome Rihanna (cantora e compositora barbadense) aparece com mais de trezentas ocorrências na plataforma todos os nomes do IBGE. Dessas mais de trezentas ocorrências, nos chama a atenção a quantidade de nomes classificados pela plataforma de similares. Vejamos os nomes similares: *Raina*, *Rainar*, *Rainha*, *Rainna*, *Rayna*, *Raynna*, *Rhaina*, *Rhayna*, *Rhaynna*, *Rhiana*, *Rhianna*, *Rhyana*, *Rhyanna*, *Riana*, *Rianna*, *Rihana*, *Ryana*, *Ryanna*, *Ryhana*, *Ryhanna*. Se observarmos bem, apenas um desses prenomes em sublinhado (*Riana*) seria, possivelmente, a forma brasileira. Os demais sublinhados parecem ser tentativas de abrasileiramento do nome *Riahanna*. Além disso, esse aspecto é um dos mais produtivos para a geração de novos prenomes e as alterações na grafia e no som podem ocorrer em qualquer parte do prenome (no início, no meio ou no final) ocorrendo por assistemática em relação a certos fonemas, como os citados por Soledade (2021).

Também é possível encontrar variados casos em que um nome tradicional é levemente alterado em sua configuração gráfico-fônica, a fim de gerar um nome inovador, até agora, os nossos dados revelam que, nesse fenômeno predominam alterações entre os fonemas [b]~[d] e [d]~[t], mas não exclusivamente: *Cívia* (23 f.– *Lívia*), *Dalbino* (35 m. – *Balbino*), *Deatriz* (26 f. – *Beatriz*), *Dejamim* (22 m. – *Bejamim*), *Derenice* (337 f. – *Berenice*), *Fâmela* (60 f. – *Pâmela*), *Ingrit* (152 f. –

Ingrid), Talila (282 f. – Dalila), Tanilo (97 m. – Danilo), Tiego (1.287 m. – Diego) (Soledade, 2021, p.266).

3. Questões de método

Em muitas ocasiões do nosso cotidiano ouvimos as pessoas classificarem os nomes como sendo de rico ou de pobre. Quase todos nós já ouvimos o seguinte: *o nome X parece nome de rico, esse nome X é de pobre*. Essas e outras afirmações do gênero têm relações com o modelo cognitivo que os falantes elaboram a respeito da classificação social de um antropônimo. Procurando investigar as relações que podem haver na maneira de categorizar os nomes este trabalho se valeu de pesquisas no YouTube, no Twitter e de um formulário do Google.

Primeiramente, fizemos uma pesquisa simples no Google utilizando os seguintes descritores: *nomes de ricos, nomes de pobres*. Com o primeiro descritor, encontramos diversos sites que ofereciam listas de nomes dos quais eram considerados nomes de pessoas ricas. Em um dos sites, foi possível encontrar uma lista com quarenta nomes e, todos eles, com características bastante significativas para aquilo que pensamos a respeito dos nomes que assim são considerados pelos falantes. Já, com o segundo descritor, o que encontramos, geralmente em sites voltados para o meio humorístico, foram listas de nomes que são considerados nomes de pobres e, assim como no primeiro caso, todos eles, com informações relevantes para a fundamentação e a argumentação deste estudo.

O fato de os nomes ditos de pessoas pobres terem sido encontrados em sua grande maioria em sites de humor levou-nos a questionar em que medida os dados poderiam ser levados em consideração para um trabalho científico, uma vez que os próprios humoristas tendem a criar nomes a partir das circunstâncias de suas próprias piadas, afinal, a preocupação maior deles é com o riso.

Diante disso, criamos um Formulário no *Google Forms*, com os seguintes questionamentos: *1 - você é capaz de citar ao menos três nomes de pessoas que você consideraria como nomes de pessoas ricas? Se sim, cite-os abaixo / 2 - você é capaz de citar ao menos três nomes de pessoas que você consideraria como nomes de pessoas pobres? Se sim, cite-os abaixo / 3 - para você, o que faz um nome ser de uma pessoa rica ou de uma pessoa pobre? (a) a maneira de escrever, b) a pronúncia, c) há nomes que combinam mais com ricos, d) há nomes que combinam mais com pobres) / 4 - para*

você, o que faz um nome ser de uma pessoa rica ou de uma pessoa pobre? (cite outros motivos se as alternativas anteriores não foram suficientes). As respostas foram registradas por pessoas entre 15 e 57 anos em grande maioria feminina. Procuramos evitar que as pessoas que respondessem ao questionário fossem profissionais da área de Letras. Foram registrados 23 formulários que corroboraram os primeiros dados encontrados. Os informantes são residentes da região centro-oeste do Brasil, moradores de Brasília e do estado de Goiás. Assim, entenderemos que os dados tendem a demonstrar um recorte regional.

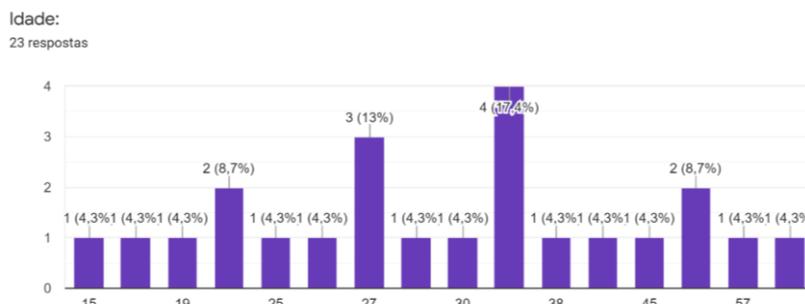
Abaixo estão elencados por meio de tabelas e quadros o resumo dos formulários registrados.

Tabela 2. Nomes informados a partir do Google Forms como resposta às perguntas 1 e 2 (os dos dados excluem os nomes repetidos e idênticos)

1. Você é capaz de citar ao menos três nomes de pessoas que você consideraria como nomes de pessoas ricas? Se sim, cite-os abaixo.	2 - você é capaz de citar ao menos três nomes de pessoas que você consideraria como nomes de pessoas pobres? Se sim, cite-os abaixo.
<p><i>Alice, Ana Rita, Antônio, Antony, Aroldo, Ashley, Beatriz, Bernardo, Bill Clinton, Bill Gates, Bolsonaro, Carolainne, Catarina, Christina, Cíntia, Cristiano Ronaldo, Donatella, Eduardo, Elisabete, Esmeralda, Estefany, Esthefanny, Fatima, Felipe, Frederick, Heitor, Helena, Henrique, Henry, Hillary, Isabela, Jade, James, Jhom, Julia, Kathleen, Kim Kardashian, Leonardo, Lourrany, Luiza (Magazine Luiza), Lula, Manuela, Marina, Martins, Mayky, Paulo, Phillip, Phillipe, Priscila, Ricardo, Roberto Carlos, Robson, Theo, Tony, Valentin, Wesley, Zoe.</i></p>	<p><i>Alcione, Ana, Andrielle, Antonio, Antônio Cleiton, Edilaynne, Eduardo, Enzo, Felype, Francilda, Francisca, Francisco, Gabriel, Gabriela, Genivaldo, Isabel, Janete, Jeane Sousa, Joao, Joaquim, José, Julia, karolaynne, Ketlyn, Maria, Maria Divina, Maria Gonçalves, Paulo, Pedro, Raimundo, Ranyele, Rosário, Sebastiana, Sebastião, Severina.</i></p>

Fonte: Elaborada pelos autores

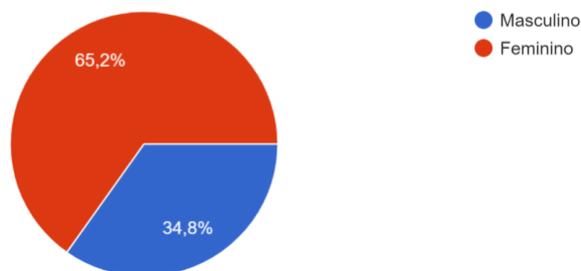
Quadro 1 – Idade dos Informantes



Fonte: Dados da pesquisa

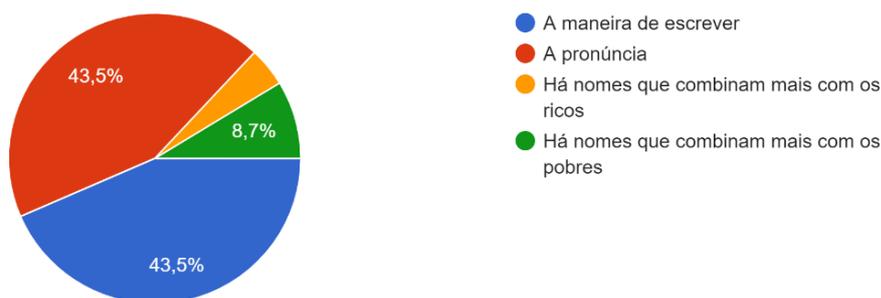
Quadro 2 – Sexo do informantes

Sexo:
23 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 3 – Pergunta: para você, o que faz um nome ser de uma pessoa rica ou de uma pessoa pobre?



Fonte: Dados da pesquisa

A partir do confronto dos dados, em perspectiva sócio-onomástica, fizemos uma análise geral dos prenomes obtidos a partir do formulário do Google e elencamos, neste trabalho de viés qualitativo, uma abordagem a respeito dos nomes e sua classe social, configurados a partir de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI).

4. Nomes de ricos e nomes de pobres no Brasil

Os dados coletados a partir do Formulário do Google evidenciam que os falantes parecem fazer uma espécie de *flutuação* entre os nomes que consideram ser de uma pessoa de maior ou de menor poder aquisitivo, cabe ressaltar que a grande maioria dos falantes se utiliza dos seguintes termos categoriais: *fulano tem nome de rico, beltrano tem nome de pobre, esse nome é de gente rica, aquele nome é de gente pobre*, dentre outros. Assim, precisamos destacar que há um (MCI) na mente dos informantes que

responderam ao formulário que pode ser a representação dos falantes brasileiros para categorizar os nomes de acordo com o poder aquisitivo. Vejamos algumas respostas dos informantes à pergunta: *Para você, o que faz um nome ser de uma pessoa rica ou de uma pessoa pobre? (cite outros motivos se as alternativas anteriores não foram suficientes)* que podem fundamentar nossa afirmação:

Informante 1: Simplicidade do nome;

Informante 2: A quantidade de letras;

Informante 3: Pessoas "pobres" gostam de criar nomes mais rebuscados quanto a escrita e a pronúncia. Pessoas Ricas gostam de nomes mais simples na pronúncia e escrita;

Informante 4: De acordo com o senso comum, a diferenciação entre nomes de pessoas que são ricas e pobres variam do quão difíceis eles são. O "pobre" costuma inventar mais no nome, colocando vários Y, W.

É perceptível que os falantes fazem, a partir de suas respostas, associações fonéticas e gráficas para então, classificar um prenome em determinada classe social. Porém, podem fazer também associações que estão relacionadas às questões daquilo que em sua perspectiva particular representa o nome. Essas alegações surgem a partir do que está postulado também no quadro 3. Os informantes também associam, por exemplo, que o seu próprio nome é de uma pessoa rica ou de uma pessoa pobre. Quando fazem referência aos filhos, optam por dizer, que seus nomes são de pessoas ricas. O que projeta relações que estão fora do âmbito da grafia e do som. Atrelam-se à projeção que o pai, a mãe ou outro parente, faz em expectativa futura.

A seguir, destacamos alguns fatores que apontam evidências para a proposta deste estudo exploratório.

4.1 A influência da mídia sobre o antropônimo

Num contexto social, um MCI existe a partir das experiências e expectativas que se constroem para um determinado conceito. Por isso, dizemos que, no caso dos antropônimos, há uma expectativa gerada a partir de determinados nomes que estão na mídia. Um bom exemplo disso é o fato de muitas mães resolverem colocar determinado nome em seu filho por ser esse o nome de determinada personagem famosa de uma novela (*Jade*, nome da personagem principal de uma telenovela, tem pico de registro

nos anos 2000. A novela *O clone* é de 2001. Aparecem 5.983 registros desse nome na base do censo demográfico de 2010). Outro fato que atesta nossa hipótese é o grande número de registro de crianças com o nome de jogadores famosos (o nome *Riquelme*, ex-jogador argentino, aparece na base de dados da plataforma *Nomes do Brasil* do IBGE, censo demográfico de 2010, com elevado pico de registro a partir do ano 2000, nesse ano foram registradas 14.037 pessoas com esse nome). Muitos dos nomes coletados no formulário podem atestar esse fato. Os nomes classificados como sendo de pessoas ricas aparecem nos dados. São eles: *Bill Clinton* (ex-presidente os EUA), *Bill Gates* (empresário americano), *Cristiano Ronaldo* (jogador de futebol), *Elisabete* (rainha da Inglaterra) e *Fátima* (apresentadora). Todos esses prenomes são de pessoas famosas e midiáticas, o que atesta a hipótese da influência da mídia sobre a escolha de um prenome.

4.2 Combinações tradicionais X combinações inusitadas

No canal do Youtube Mix de Vídeos, há um vídeo de Stevan Gaipo⁵, em que ele propõe que se faça algum tipo de censura acerca dos tipos de nomes que se podem escolher para os filhos, uma vez que existem, segundo ele, alguns nomes que desde a certidão de nascimento atestam a pobreza do indivíduo. Para ele, nomes duplos são um exemplo disso. Pessoas de classes mais altas tendem a escolher combinações tradicionais, como *João Pedro, Maria Clara, João Victor, Ana Carolina*, do ponto de vista linguístico podemos dizer que se tratam de unidades lexicalizadas. Por sua vez, o humorista aponta que pais pobres tendem a escolher combinações esdrúxulas, ou não canônicas, e, portanto, não lexicalizadas, para seus filhos, a exemplo de *Khetleen Emannuely*.

De fato, essa observação parece corresponder à realidade dos usos no Brasil, novamente entendendo que quanto mais rico, mais letrado, também mais conservador, o que significa maior apego aos nomes e combinações de nomes já convencionais. Todavia é necessário um estudo quantitativo para que a informação seja melhor esclarecida.

⁵<https://youtu.be/ugPLfONoFA0>

4.3 Mudança na grafia

A partir dos dados coletados vimos que os nomes ditos de ricos são nomes simples (de grafia e pronúncia, não possuem letras dobradas e não são difíceis de serem pronunciados como os prenomes *Luiza, Zoe e Alice*). O humorista Diogo Almeida⁶ diz perceber que atualmente os nomes de rico tendem a ser mais curtos: *Noah, Zoe, Dom, Iza, Teo*, o que enfatiza a tendência à simplicidade.

De outro lado, nas avaliações encontradas em diversos vídeos de youtubers⁷, os nomes de pobres tendem a ser considerados mais rebuscados, no sentido de tornar a grafia mais complexa, através de, por exemplo, letras dobradas, inclusão de *h, k, w* e *y*, como forma de inovação. Também há maior espaço para os nomes "inventados", por exemplo, como o citado na seção anterior *Khetleen Emannelly*. Esses tipos de nomes categorizados como de pobre seriam os mais prototípicos, contudo, nem sempre obedecem a estes critérios.

Embora os nomes estejam assim categorizados, para os falantes, há outros fatores que demonstraremos a seguir que implicam na *flutuação categorial do nome*. Alguns nomes simplesmente variam na escrita, mas não na pronúncia (*Phillip e Felype*), outros nomes, por sua vez, variam em pronúncia, mas têm a mesma tradução, como no caso de *Anthony* (forma inglesa) e *Antônio* (forma brasileira), o mesmo ocorre em nomes como *Maria* e *Mariah* que se diferenciam apenas pela pronúncia, *Mariah* (é sempre lido *Mariáh*), no entanto, para o Português do Brasil, em nada esse “*h*” implica em mudança fonológica na palavra, é tão somente uma forma pela qual o falante encontrou de variar o nome *Maria* através da pronúncia e quis representar essa variação na escrita a partir do “*h*”.

4.4 Fatores que geram ambiguidade na categorização

⁶<https://youtu.be/um8VNgxifY>.

⁷https://www.youtube.com/watch?v=SmHNYkSse9Q&ab_channel=M%C3%81RCIODIVULG
A%C3%87%C3%95ES. Acesso em: 20 out. 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=fQnkRzcVxOY&ab_channel=F%C3%A1bricadeaulas . Acesso em: 20 out. 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=TFfLs85BaII&ab_channel=JeffariaSantosoficial. Acesso em: 20 out. 2020

https://www.youtube.com/watch?v=_730LmujJVI&ab_channel=KAU%C3%83ZOEIRATV. Acesso em: 20 out. 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=MwNgRaNiMt0&ab_channel=INCAA. Acesso em: 20 out. 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=UIpOTvDTNkM&ab_channel=ChuchuBeleza. Acesso em 20 out. 2020.

Com base nos dados analisados, há nomes que ora são considerados numa ou noutra categoria (ora são de *ricos* ora são de *pobres*). Isso tem estreita relação com o primeiro fator e com a questão do uso.

Em primeiro lugar, é importante notar que a depender do contexto de uso, o nome pode ser categorizado como de *pobre* ou de *rico*. Por exemplo, se o falante possuir alguém na família que lhe remeta àquele nome, pode categorizá-lo de acordo com o seu poder aquisitivo. Parte-se, então, da experiência individual com aquele nome.

Em segundo lugar, existem nomes de alta frequência de uso como *Antônio*, por exemplo, isso implica que seu uso está generalizado entre falantes de todas as classes sociais, sendo mais difícil determinar uma categorização acerca desse aspecto. Assim, pode-se dizer que o antropônimo *Antônio* flutua entre as duas categorias de acordo com as evidências que se relacionam aos fatores de uso e situação social do falante.

Somado aos fatores mencionados acima, podemos destacar a questão da variação gráfica. Essa variação ocorre por fatores de escolarização e por fatores fonéticos atrelados a questão da inovação antroponímica, que no Brasil, parece ser altamente produtiva nas regiões sul, sudeste e nordeste, esta última com maior grau de produtividade, por isso, os nomes que são ditos “inventados” têm muito a ver com o papel inovador que a antroponímia assume no Brasil. Essa inovação está atrelada à maneira com a qual os povos germânicos atribuíam nomes aos seus. Os povos germânicos se utilizavam do método bitemático, os brasileiros se utilizam do método biformativo (outrora os nomes eram utilizados a partir de dois temas como ocorre em *Arnaldo* (Aar- – ‘água’ e wald – ‘forte, potente’: águia poderosa, forte) no Brasil, atualmente, percebe-se o uso de dois formativos com em *Francisvan* (francis- formativo de margem direita + -van: formativo tanto de margem direita quanto esquerda, no exemplo, está na margem esquerda, pois tais elementos não se configuram temas, isto - é, formas livres, na língua portuguesa). Tal discussão é amplamente fundamentada nos trabalhos de Rodrigues (2016), Soledade (2018, 2019, 2021), Simões Neto e Rodrigues (2017), Simões Neto e Soledade (2018).

Considerações finais

Ao que tudo indica, o fator predominante que leva à categorização de um nome como de rico ou de pobre é a grafia, e em caso de nomes duplos, combinações pouco usuais.

Porém, outros fatores podem vir a subverter esse padrão, pois pode acontecer também que um nome complexo ou mesmo fora do hábito de fala de determinado grupo de falantes - aquele famoso *nome diferente* que as pessoas dizem - pode ser considerado um nome *chique*. Isso ocorre porque o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) dos nomes ditos de rico ou de pobre pode se encaixar numa categoria em que não se pode definir categoricamente em “tudo ou nada”. Por isso, dizemos mais uma vez que em termos de categorização nomes ditos de rico e nomes ditos de pobre tem grandes chances de serem alocados em *categorias flutuantes*.

Nesta discussão a respeito da classificação de nomes dentro de determinada classe social levamos em conta o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) nos termos de Lakoff (1987) e da aplicação feita por Simões Neto (2021) e alguns fundamentos da pesquisa sócio-onomástica atrelados a sócio-história da antroponímia no Brasil.

Num contexto social, um Modelo Cognitivo Idealizado existe a partir das expectativas que se constroem para um determinado conceito. Por isso, dizemos que, no caso dos antropônimos, há uma expectativa gerada a partir de determinados nomes que estão na mídia.

Na grande maioria dos sites ou redes sociais, os nomes ditos de ricos são nomes simples (de grafia e pronúncia) e os nomes de pobres são complicados (tem grafia complexa, letras dobradas, são "inventados" e de difícil pronúncia), mas nem sempre obedecem a estes critérios. Embora os nomes estejam assim categorizados para os falantes, há outros fatores que implicam na *flutuação categorial do nome*. A depender do momento de seu uso, o nome pode ser de *pobre* ou de *rico*. Além disso, se o falante possuir alguém na família que lhe remeta àquele nome, pode categorizá-lo de acordo com o seu poder aquisitivo, o nome poderá ser de “pobre” ou de “rico”.

Por isso, em termos de categorização nomes de rico e nomes de pobre têm grandes chances de serem alocados em *categorias flutuantes*. É altamente representativo o que os falantes respondem ao associarem um nome como sendo de rico ou de pobre. 43,5% dos informantes consideram que o que denota um nome ser de rico ou de pobre é a grafia e outros 43,5% dizem que é o som. Um fato implica no outro e, como já demonstramos anteriormente, o uso da grafia complicada (letras dobradas, uso do *h*, do *y*, do *w*) representam estratégias do falante em tornar determinados nomes distintos dos convencionais tanto na grafia quanto na pronúncia.

Outro argumento que atesta que o MCI dos nomes pode, facilmente, se configurar numa *categoria flutuante*, é o fato dos falantes atrelarem o nome ao que a pessoa faz. Essa composição está indicada nos princípios morais que muitos falantes têm. Todavia, se observarmos a maneira como nós, brasileiros, escolhemos os nomes, que aqui já mencionamos ser, por exemplo, por influência da mídia, este fato pouco corrobora como o MCI que a grande maioria dos falantes estabelece para considerar um nome ser de uma classe de maior ou menor poder aquisitivo. Por isso, dificilmente, o que uma pessoa faz, poderá estar atrelado ao MCI que o falante brasileiro constrói para associar aos nomes, pois em outras composições de nação, o nome pode sim, estar relacionado ao que se faz e, a partir daí, poderá ativar um MCI para ser considerado como um nome de rico ou de pobre.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Diogo. Stand up - *Nome exótico das crianças na chamada*. Youtube, 14 de maio de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/um8VNggxifY>. Acesso em: 17 nov 2021.

AMARAL, E. T. R.; OLIVEIRA, I. F. N. O nome social como uma categoria antroponímica para a garantia do princípio da dignidade da pessoa humana. *Caligrama*, v. 24, n. 3, p. 25-46, 2019

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Edgard BlücherLtda, 2020.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

FRAI, Helena Patrícia. Sócio-Onomástica: Uma Nova Abordagem Metodológica. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 7, n. 1, jan/jun. 2016 (ISSN 2179-3948 – online).

GAIPO, Mix de Vídeos. *Precisamos proibir os pais de colocar certos nomes nos filhos*. Youtube, 06 de julho de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/ugPLfONoFA0>. Acesso em: 17 nov. 2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RODRÍGUEZ, G. Los nombres de pila en Alemania como portadores de información social. ¿Cómo se puede codificar la información social en los nombres?. *Onomástica desde América Latina*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 77–99, 2020. DOI: 10.48075/odal.v1i1.24161. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/24161>. Acesso em: 23 nov. 2021

SANTOS, José Alcides Figueredo. 2005. Uma classificação socio-econômica para o Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20 (58). p. 27–46.

SIMÕES NETO, N. A. Nomes de Velhos, Nomes de Jovens: Protótipos e Modelos Cognitivos Idealizados na Antroponímia Brasileira. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. *Nomes próprios: abordagens linguísticas*, p. 51-74, 2021.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, p. 1295-1350, 2018.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; RODRIGUES, Letícia Santos. *A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados*. Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos, Unilab, v. 1, n.2, p. 110-127, 2017.

SIPAVICIUS SEIDE, M. Proposta interdisciplinar de nome próprio. *Onomástica desde América Latina*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 200–222, 2021. DOI: 10.48075/odal.v2i4.28007. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/28007>. Acesso em: 20 out. 2021.

SIPAVICIUS SEIDE, M. Nome próprio e identidade em Marechal Cândido Rondon. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, [S. l.], v. 43, n. 01, p. 212–225, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/432>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SOLEDADE, Juliana. Antroponímia, uso e cognição. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. *Nomes próprios: abordagens linguísticas*, p. 17-50, 2021.

SOLEDADE, Juliana. *Os brasileiros e seus nomes – Investigações sobre a antroponímia no Brasil*. (no prelo).

SOLEDADE, Juliana. Alcoolgelson, Covidson e Coronalda: prenomes de pessoas em tempos de pandemia no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, [S. l.], n. 69, p. 260–280, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i69.44299. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44299>. Acesso em: 20 out. 2021.

SOLEDADE, Juliana; LOPES, M.S.; RODRIGUES, L.S. O legado germânico na antroponímia neológica do português do Brasil. In: *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa,

2019, v. 1, p. 1417-1446. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/39619>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SOLEDADE, Juliana. Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico do português brasileiro. *Macabéa–Revista Eletrônica do NETLLI*, Crato, v. 8, n. 2, 2019, p. 411-452.

TEIS, D. T. Correlación entre variación ortográfica y clase social en antropónimos. *Onomástica desde América Latina*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 21–44, 2020. DOI: 10.48075/odal.v1i1.24158. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/24158>. Acesso em: 22 nov. 2021.

VAN LANGENDONK, W. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2007.

RELATIONSHIPS BETWEEN ANTHROPONYM AND SOCIAL CLASS IN BRAZIL: AN EXPLORATORY STUDY

ABSTRACT

The intention of this study was to analyze the Idealized Cognitive Model (ICM) of speakers regarding the names said of rich and poor people. We took into account what SimõesNeto (2021) points out based on the reading of Lakoff (1987), foundations of socio-economic research, socio-history of anthroponymy in Brazil and graphical-phonetic alterations presented by Soledade (2021). Names evaluated as being of rich people are simple names, whereas names evaluated as being of poor people are complicated. However, they do not follow these rigidly criteria.

Keywords: Socio-onomastics, Cognitive Linguistics, First Names, Social Class.

Recebido em 16/07/2022.

Aprovado em 05/10/2022.